

# **A AMBIGÜIDADE PRESENTE NA OBRA MACHADIANA. UMA ANÁLISE DE “A CARTOMANTE”.**

## **THE PRESENTS AMBIGUOUS IN MACHADIANA WORK. ONE ANALITY IN “A CARTOMANTE”**

**RENI DE FÁTIMA DA SILVA**

### **RESUMO**

A obra de Machado de Assis tem como peculiaridade em sua fase realista/naturalista retratar a realidade, muitas vezes toldada na sociedade contemporânea em que vivia. Dentre as características de sua obra destacam-se a angústia, os infortúnios e o lado dissimulado dos indivíduos nas relações sociais; nas obras Dom Casmurro, Memórias Póstumas de Braz Cubas e Quincas Borba enfatizam de forma evidente estas características. Um outro aspecto da obra machadiana são as ambigüidades que o autor deixa para o leitor, possibilitando dúbias interpretações, embora o desfecho da narrativa seja evidente. O conto “A Cartomante” ilustra bem esta perspectiva. Neste sentido, este artigo tem como finalidade fazer uma análise deste conto, enfatizando os aspectos ambíguos nele existentes, muito embora, eles não sejam os motivos que implicaram no resultado final da narrativa.

Palavras-chave: Machado de Assis; realismo/ naturalismo; A Cartomante.

### **ABSTRACT**

The Machado de Assis' work has a peculiarity in his realistic / naturalist phase to reproduce the reality, often shaped in contemporary society where he lived. Among the characteristics of his work stand out the anguish, misfortunes and dissembled manner of individuals in social relations; in his masterpieces “Dom Casmurro”, “Memórias Póstumas de Cubas” and “Quincas Borba” are emphasized these characteristics. Another aspect of his work is the ambiguity that the author gives to the reader, allowing dubious interpretations, although the outcome of the narrative is clear. The short story "A Cartomante" illustrates very well this perspective. So, this paper is to make an analysis of this story, emphasizing the ambiguous aspects that exist in it, although they are not the reasons that led in the final outcome of the narrative.

Keywords: Machado de Assis; realism / naturalism; “A Cartomante”.

### **INTRODUÇÃO**

A obra machadiana é parte integrante de duas fases da literatura brasileira, o romantismo e o realismo/naturalismo. Esta última tendência trata-se de

uma fase interessante da obra machadiana, em que Machado de Assis, soube, sobremaneira, explorar o lado obscuro do cotidiano da sociedade, permitindo com isso certas ambigüidades que ensejam ao leitor a nortear caminhos diversos. *Dom Casmurro* é um exemplo inequívoco desta obscuridade, afinal, Capitu traiu ou não Bentinho? É uma incógnita que possibilita ao leitor tender-se a duas concepções, muito embora, especialistas em literatura afirmem que houve o adultério de Capitu. Outras obras machadiana exploram a mesma circunstância e o conto *A Cartomante* é um exemplo clássico do obscurantismo dos fatos que ensejaram o desfecho dramático da narrativa. Assim, o contexto do conto permite que sejam levantadas algumas questões, como: a cartomante sabia ou não do relacionamento adúltero de Rita e Camilo? Quem escrevia as cartas anônimas a Vilela? São essas questões que vão evidenciar a ambigüidade presente neste conto, provocando, ao leitor um dilema para se determinar a participação de cada personagem no contexto da narrativa. Assim sendo, considerando essas possibilidades, é que se vai analisar o conto *A Cartomante* no sentido de expor a dubiedade machadiana.

### **A AMBIGUIDADE PRESENTE NA OBRA MACHADIANA: UMA ANÁLISE DE “A CARTOMANTE”**

Conforme mencionado, a narrativa alude a um triângulo amoroso entre o casal Vilela e Rita, e Camilo, amigo de ambos, onde este mantinha um relacionamento adúltero com Rita, cujo desfecho é o seu assassinato e de Camilo por Vilela, ao descobrir este relacionamento. No entanto, a questão é, como Vilela descobriu o relacionamento de ambos?

Machado de Assis, já na primeira oração do conto explicita a prevalência da obscuridade no cotidiano humano ao citar Horácio (ASSIS,1994. p. 4) “(...) Há mais cousas no céu e na terra do que sonha nossa filosofia”. Tal colocação permite ao leitor observar que algo dissimulado trata o contexto da narrativa.

São as duas questões mencionadas na introdução que pairam sem uma resposta definitiva: Sabia ou não a cartomante do relacionamento de Camilo e Rita? Sim e não seria a resposta. Quem escrevia as cartas anônimas? A cartomante, Vilela ou uma terceira pessoa? Uma incógnita.

No início do conto, o autor demonstra a insegurança de Rita acerca do seu relacionamento com Camilo, devido ao fato de o mesmo ter se distanciado da

relação “fraternal” até então existido com o casal, por conta de cartas anônimas recebidas por Camilo e, possivelmente, por Vilela. Este foi o motivo que o levou à cartomante:

Apenas começou a botar as cartas, disse-me: “A senhora gosta de uma pessoa...Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade. (ASSIS, 1994, p. 5)

Essa previsão veio-lhe a assegurar o amor de Camilo, mesmo tendo ele aconselhado pela consulta à cartomante: “Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele.”

O dilema desta questão acontece na fase do desfecho da narrativa, quando ao atender a um pedido de Vilela para comparecer à sua casa “(...)Vem, já, já à nossa casa” (ASSIS, 1994: p. 10), Camilo se mostra céptico da ciência ou não de Vilela de sua relação adúltera com Rita. Não obstante esta conjuntura, Camilo se dirige para o encontro, no entanto, ao caminho, devido a um empecilho que o fez parar em frente à cartomante que Rita consultará, faz o mesmo, e ela percebendo sua angústia e aflição, lhe afirmava: “Não tenha medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável muita cautela: ferviam invejas e despeitos.” (1994: p. 11). Tal colocação assegurou-lhe a confiança e para casa de Rita e Vilela se dirigiu, onde encontrou Rita morta e Vilela o assassinou.

Uma das conclusões que se pode tirar desse contexto é o fato de a cartomante ser cônica da relação adúltera de Rita e Camilo e que as previsões otimistas dela em relação a este relacionamento se justifica no sentido de eliminar qualquer desconfiança de Camilo em relação a insipiência de Vilela, conseqüentemente, para que ele se dirigisse até a casa do casal, e cometesse a sua vingança. Entendendo-se, assim, que a cartomante e Vilela foram os responsáveis pela elaboração deste plano, como também os responsáveis pelas cartas anônimas, levando o leitor a crer que Vilela poderia ter sido o responsável pelas previsões da cartomante a fim de executar seu plano premeditado.

Questiona-se como Vilela teria descoberto e são várias hipóteses que podem ser consideradas: a ausência repentina de Camilo à sua casa que o fez levantar suspeitas, “Candura gerou astúcias.” (1994: p. 7); a ostentação de Camilo e

Rita em seus encontros, “(...)A velha caleça de praça, em que passeaste com a mulher amada, fechadinhos ambos,(...)”(1994: p.7); como, também a cúmplice do adultério: “A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde orava uma comprovinciana de Rita.” (ASSIS, 1994, p. 8). Todas estas podem ser possibilidades que levaram Vilela a descobrir o adultério da esposa e que propiciasse a elaboração do plano de vingança, com a participação da cartomante.

Mas, todas estas circunstâncias levam a outra questão: Como Vilela teria certeza de que Rita e Camilo iriam à cartomante, circunstância esta essencial para o sucesso de seu plano?

Essa questão permite ao leitor deduzir que a cartomante era ignorante em relação aos fatos e que sua participação se resume somente à exposição de seu inerente misticismo e engodo junto aos indivíduos, cujo título se justifica somente no sentido de gerar a ambigüidade junto ao leitor, ensejando a ele tirar suas próprias conclusões.

Quem seria então o responsável pelas cartas? Duas possibilidades: a comprovinciana ou alguma testemunha da sociedade em que viviam, uma vez que o contexto do conto, leva a crer que o comportamento de ambos oscilava entre a prevenção e a ausência dela.

Essas hipóteses se justificam devido ao fato de que a desconfiança de Vilela começa de súbito no curso do conto. “(...) mas daí a algum tempo Vilela começou a mostrar-se sombrio, falando pouco, como desconfiado.” (1994, p. 9), possibilitando compreender que as cartas seriam somente suposições para Vilela, pois as consistências delas eram com fundamentos vagos, somente com informações anônimas e que não corroborariam nada, algo de mais consistente deveria existir para que o adultério se consubstanciasse.

A confirmação do adultério veio da imprudência de Rita, quando levou as cartas recebidas por Camilo para uma possível comparação das grafias, sendo estas flagradas por Vilela que veio a confirmar o adultério. “\_ Bem disse ela; eu levo os sobrescritos para comparar a letra com as das cartas que lá aparecerem; se alguma for igual, guardo-a e rasgo-a...” (ASSIS, 1994, p. 8). É nesta perspectiva que justifica o lacônico bilhete de Vilela a Camilo: “(...)Vem já, já, à nossa casa.” (1994, p.10).

Considerando, esta possibilidade, a personagem da cartomante se justifica somente para tornar o conto mais complexo e para possibilitar a

ambigüidade de interpretação ao leitor; e que a participação da cartomante no desfecho trágico do conto não cabe à sua participação, cujo fato aconteceu devido a participação de personagens ocultos.

## CONCLUSÃO

Diante disso, está inequívoco que, da mesma forma que em *Dom Casmurro*, Machado de Assis deixa o leitor perplexo ao se deparar com dilemas interpretacionais de sua obra, possibilitando contextos dúbios, pois, conforme destaca Nietzsche (2000: p.66):

(...) Em suma, o que existe é a própria natureza, não absoluta em sua existência, pois não é uma nômade. A cosmologia nietzschiana indica que há forças finitas, plurais é claro, em um incessante movimento que faz suas perspectivas serem infinitas.

Independente dos fatores que vieram contribuir para o final do conto, Machado de Assis discorreu acerca das características inerentes ao realismo/naturalismo ao abordar as angústias e os dilemas humanos diante de sua realidade cotidiana. O adultério, o sortilégio feminino, a mentira, a dissimulação são algumas delas. Assim, *A Cartomante* trata-se de uma representação clássica deste período literário, indispensável, não somente para compreender a obra machadiana, como, outrossim, os sentimentos interiores dos indivíduos como membros da sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. **Obras completas**. V.II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

NIETZSCHE, Friedrich. **Para além do bem e do mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro**. São Paulo: Martin Claret, 2000.